

Este livro foi premiado pelo Programa de Ação Cultural 2013
(Secretaria de Estado da Cultura), recebendo
a Bolsa de Incentivo à Criação Literária em Prosa

À FIM O

KIKO
RIESER

Olha para os números feitos a lápis no papel como se procurasse algo além do que acabou de escrever. Por mais que suas anotações se misturem à tinta preta de diversos outros valores que vão do cabeçalho da página até o rodapé, não há possibilidade de confusão visual. Tudo que ela acrescentou de próprio punho à folha tem uma organização rigorosa e compreensível a qualquer um que porventura venha a bater os olhos. Há, inclusive, inegável senso estético no aproveitamento das margens estreitas e dos vãos entre as linhas. Tudo foi feito meticulosamente, e por isso ela chega logo à conclusão, ainda provisória, de que a soma da tarifa não bate. Inspira fartamente, mas o ar desce rápido

demais para os pulmões, causando-lhe uma leve tontura, ao contrário do que ela esperava, acalmar-se através da oxigenação do cérebro ou algo do tipo, segundo tinha lido tempos atrás, em alguma revista. Olha mais uma vez para o papel e confirma que os cálculos estão certos, sim, devem estar. Pega a calculadora que, por precaução, já tinha sido posta à sua frente desde que ela se sentou à mesa e despeja um pouco de raiva na máquina, teclando com força excessiva cada dígito, até chegar ao mesmo resultado obtido manualmente. Volta ao papel e soma tudo de cabeça mais uma vez. Contempla a página esperando descobrir a chave do enigma, até as letras e números se tornarem pontos pretos parecidos com insetos e, logo em seguida, borrões indistinguíveis. Fecha os olhos com força e quando os abre volta a enxergar tudo com perfeição. Culpa o sono por um momento, mas sabe que a perda de foco se deve unicamente à sensação de impotência diante do impasse a que chegou. Analisa tudo mais uma vez e se convence: os cálculos estão certos. A tarifa, errada.

Perde a paciência de vez quando liga para a empresa telefônica. Depois de mais de vinte minutos nada promissores, desliga sem cerimônia na cara da atendente, não sem antes xingá-la, com certa alegria rebelde, e um tanto de ingenuidade que percebe logo depois. Afunda o rosto nas mãos, cotovelos sobre a mesa. O ar agora desce para os pulmões como deveria. Levanta-se da cadeira, liga o som no modo aleatório,

aumenta ao máximo o volume das primeiras notas de Miles Davis, atravessa a sala e sai para a varanda, abrindo a porta de vidro com força, sem ligar para o estalo forte da esquadria de alumínio. Acende um cigarro e dá uma rápida tragada, como quem busca mudar de assunto em um monólogo. De sua varanda, no quinto andar, dá para ver boa parte do condomínio: a piscina, a churrasqueira, a quadra e o bloco da frente. Ela não se dá conta de que toda a área comum está vazia, o que é atípico até para as dez horas de uma terça-feira. Apesar do sol forte, o tempo está ameno, abrandado pelo vento, mas as crianças, que pela manhã costumam brincar de esconde-esconde por todos os lugares ou jogar bola na quadra, hoje não se reuniram.

Eu fico com o apartamento, disse ao corretor, anos antes. Nunca liguei pra isso, mas essa área de lazer é ótima. Quem sabe eu tomo vergonha na cara e começo a fazer algum exercício?

No entanto, agora não saberia dizer a última vez que utilizou as áreas comuns. No bloco da frente, um homem está sentado no parapeito da janela do apartamento da esquerda do sexto andar, e, enquanto ela dá a terceira tragada, a maior de todas, o homem pula. Ela – que olha talvez para o cigarro, talvez para o nada ou para dentro de si, que é a mesma coisa – não vê o salto, não vê o homem, não vê nada, nem a rala poça de sangue que se forma ao redor do corpo, manchando o pátio branco do salão de festas. Não vê também o

porteiro, o zelador e a velha do 94-A, as poucas pessoas que afinal acodem o suicida, depois de ficar intoxicado no chão durante alguns minutos. Nem mesmo ouve o som da queda, encoberto pelo trompete de Miles Davis. Acaba o cigarro, fumando com prazer até o último milímetro que precede o filtro. Assim que deposita a bituca no cinzeiro já parcialmente cheio, saca o maço do bolso e vai acender outro cigarro, quando, num impulso, retorna o cigarro ao maço e o maço ao bolso e o bolso, junto com ela, à sala e, da sala, ao quarto. Ainda não abriu a janela, nem arrumou a cama, e pensa que se deitar de novo poderá fingir que o dia não começou. Tira a roupa e se deita, nua, como costuma dormir, aconchegando-se no edredom grosso e macio, mas logo constata que não sente sono, que os dois primeiros cigarros do dia foram acompanhados de café e que tentar dormir seria uma luta vã. Veste-se novamente, caminha em direção à sala, abre a porta que dá para o hall, chama o elevador e, enquanto espera, retira o lixo da cozinha e joga na lixeira comunitária do andar. O elevador demora, e ela, mesmo sem saber aonde ir, decide descer pela escada.

Atinge o térreo quando a ambulância acaba de chegar para tentar reverter o irreversível. Para sair de lá, é inevitável passar pela portaria e pela multidão, e agora não há mais como não notar que algo aconteceu. Pensa em se aproximar. A cautela a impede. Não quer ser tomada por uma dessas fofoqueiras que

se aglomeram como abutres em torno dos acidentados, nem arriscar, conhecendo seu estômago fraco, a se impressionar com a visão, seja lá do que for. Está quase atravessando o portão quando não se contém e direciona a cabeça para dentro da guarita, em busca de informações, encontrando-a vazia. O zelador volta correndo para abrir o portão.

Seu João, o que aconteceu?

O seu Cássio, do 63-A, parece que ele se jogou lá de cima.

Que horror, ela diz automaticamente. Ele..., diz sem completar, após uma pausa.

Os médicos acabaram de ensacar o corpo.

Que horror!

É... Um horror!

Ela sai do condomínio ainda mais sem rumo que antes, embora suas pernas tenham tomado a decisão de virar para a direita, possível hábito dos destros. Bom dia, ela ouve de uma voz próxima. Olha para o lado e reconhece, vindo no sentido contrário, a vizinha gorda que sempre encontra no elevador, levando os cachorros para passear. Responde por reflexo ao cumprimento e vai dizer algo sobre o que acabou de acontecer, mas a vizinha e seus cachorros já passaram. Logo também ficarão sabendo do incidente e talvez o cheiro de sangue atice os cachorros, ela pensa. Mas já o ensacaram, ela se lembra de ouvir o zelador dizer. O corpo já deve estar na ambulância. E ambulância leva corpo?

Talvez tenham chamado o rabeção. Está na frente da padaria da esquina. Entra e senta-se no terraço, o mais próximo possível da rua. Chama a atendente.

Por favor, um café, ela pede por inércia, antes de lhe ocorrer que precisa relaxar e que esse seria o terceiro café da manhã. Cancela o café. Tem chá de camomila? Me vê um, por favor.

Está ajeitando a cadeira quando ouve a voz grave de outro cliente, dentro do estabelecimento, chamar um nome.

Luciana, ele diz. A atendente vai até o homem. Ambos sorriem, e ele fala qualquer coisa que ela escreve no mesmo bloquinho em que registrou, num garrafinho quase ilegível, o chá de camomila. Em seguida faz alguma piada da qual a moça ri antes de sair, rumo à cozinha. Do terraço, ela observa a funcionária, mais alta que os colegas, pele clara, cabelos negros e ondulados, lábios carnudos e nariz ligeiramente adunco. Não é particularmente feia ou bonita, e, apesar das feições comuns, tem certeza de que a reconhece. Não lembra se a moça trabalha ali desde que começou a frequentar o local, mas já viu a garçonete dezenas de vezes. Até agora, não sabia seu nome. Luciana. Também desconhece como se chamam os outros funcionários desse e de todos os estabelecimentos que frequenta. Sente inveja do homem de voz grave, embora saiba que a responsabilidade por esse desconhecimento é inteiramente sua. É provável que já tenha ouvido mais de uma vez, sem pôr

reparo, Luciana ser chamada pelo nome. Também nunca teve a curiosidade de perguntar. Se não fosse uma rápida olhada para os colegas de Luciana, não saberia dizer se os moços e moças que trabalham ali portam crachás de identificação. Promete sanar, ainda que parcialmente, essa falha a partir de hoje, se não perguntando nomes de pessoas com quem mantém relação tão fugaz, ao menos tentando memorizar sempre que uma delas for chamada nominalmente.

Crê que esse descaso seja fruto de sua corriqueira distração, e então repara que o trecho da rua em que está parece mais vazio que de costume, talvez por causa da aglomeração que se formou na frente do prédio. Com atenção, é possível ouvir uma sirene ao longe, distanciando-se. O estômago ronca e ela cogita pedir um sanduíche. Foda-se o regime, diz para si mesma. Deseja hambúguer. Queijo. Bacon. Ainda faltam vinte minutos para o meio-dia quando ela decide fazer o pedido, antes mesmo de o chá chegar.

Luciana, por favor, um x-bacon.